



Futuro com memória



Mas antes de olharmos para o presente temos de espreitar o seu passado. Quando Lisboa se expandiu em meados do século XX, fê-lo para norte, afastando-se do rio. Avenidas Novas surgia então pelas mãos do arquiteto Ressano Garcia, em que se destacam as ruas largas e os quarteirões com logradouros ajardinados. Com cerca de 22.000 habitantes, a freguesia apresenta-se hoje com as mesmas ruas que se entrecruzam de forma perpendicular, criando quarteirões rectangulares.

Hoje, a junção de freguesias distintas permite não só pensar o lugar com múltiplos olhares, mas também enriquecê-lo pelo conjunto de pessoas que aqui acorrem diariamente. “Temos bairros muito distintos, mas é o conjunto desses bairros que proporcionam múltiplas convivências, entre diferentes malhas sociais, culturais e económicas”, revela.

Nesta composição humana, será importante não esquecer a máquina fotográfica para capturar os museus, palacetes, e outros espaços verdes e culturais que para aqui vêm morar. É o caso, por exemplo, do Museu Calouste Gulbenkian, da Biblioteca Municipal do Palácio Galveias, do Parque Eduardo VII, e do Pavilhão Carlos Lopes. Ao longo de 62 anos, a autarca viu o mundo mudar e a freguesia crescer, e hoje reconhece que este território é um cruzamento de fregueses, não residentes, comerciantes, visitantes e turistas. “Vivemos um conceito alargado de vizinhança”, adianta.

PRIORIDADES

Ao longo da sua vida, Ana Gaspar retirou várias lições, e entre elas, destaca-se a da necessidade de preservação das construções originais, pois é assim que defendemos e salvaguardamos as nossas marcas identitárias. Uma outra matéria que acaba por estar interligada a esta simbologia é a Calçada Portuguesa: “Não podemos deixar que essa marca desapareça, mas também não podemos deixá-la neste estado. É uma das nossas prioridades solucionar a

Todas as freguesias e cidades são erguidas pelas histórias dos seus habitantes, transeuntes, e visitantes. A freguesia de Avenidas Novas não é exceção. Numa primeira abordagem, verificamos que ela agrega as freguesias de S. Sebastião da Pedreira e Nossa Senhora de Fátima. Ana Gaspar já conhece de cor as suas ruas, becos e avenidas e dá-nos um breve retrato sobre as diferenças que a compõem.



falta de mobilidade, e para esse efeito contratámos já vários profissionais. Queremos que todos possam sair à rua, sem medo de cair”, informa.

Na perspetiva de unir diferentes faixas etárias numa só corrente, a freguesia de Avenidas Novas prepara-se também para “ligar as diferentes solidões, que vão desde os mais novos, que não têm avós, até aos mais idosos que raramente são ouvidos”. Nesse âmbito, uma das grandes apostas são os parques intergeracionais. Independentemente da classe social a que se pertença, a presidente defende um triplo olhar, que tem como pilares “a transparência, o rigor e a ternura”.

NOVOS PROJETOS

“Sou de um mundo de letras e de sonhos, mas acredito que um tecido empresarial forte, lúcido e solidário é uma das bases do mundo do trabalho”, sublinha a nossa interlocutora. Claro que este universo de empreendedorismo só poderá ser cultivado se o caráter do nosso povo permanecer .

O comércio, por exemplo, teve sempre um papel muito importante na cidade de Lisboa. As Avenidas Novas nunca poderiam ficar alheias a este facto e um dos projetos que Ana Gaspar defende é precisamente o das lojas com história: “As Avenidas Novas são futuro com memória, e memória que é tecida com várias memórias. Eu não acredito numa cidade de ricos e numa cidade de pobres, há pois aqui um cerzir de diferentes malhas que constroem este território”, salienta.

No desenvolvimento deste património, material, histórico e cultural espera, claramente, contar com o apoio da câmara, pois a autarca sabe que só assim se pode continuar a reativar a atividade comercial e a respeitar a cidade como paradigma de vitalidade.

